



Título del artículo / Título do artigo: A relação entre a meditação heideggeriana sobre a essência da técnica e o tema do cuidado (Sorge)

Autor(es): José Fernandes Weber

Año de publicación / Ano de publicação: 2014

DOI: 10.63314/VOBF1556

Citación / Citação

Weber, J. F. (2014). A relação entre a meditação heideggeriana sobre a essência da técnica e o tema do cuidado (Sorge). *Ixtli: Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 1(1), 89-109.
<https://doi.org/10.63314/VOBF1556>





A relação entre a meditação heideggeriana sobre a essência da técnica e o tema do Cuidado (*Sorge*).

José Fernandes Weber
Departamento de Filosofia
da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

jweber@uel.br

Graduação em Filosofia. (UNIOESTE); Mestrado em Filosofia (UNICAMP) e em Educação (UEM); Doutorado em Filosofia da Educação (UNICAMP); Interesse pelas relações entre Filosofia e Educação/Formação/Bildung; Estuda o romantismo alemão, o pensamento de Nietzsche, e as relações entre técnica, tecnologia, antropológica e educação em Martin Heidegger, Eugen Fink, Gilbert Simondon e Peter Sloterdijk.

Resúmen - Resumo - Abstract

O objetivo do artigo é apresentar a relação entre a meditação heideggeriana sobre a essência da técnica e o tema do cuidado (*Sorge*). Além de uma breve introdução ao modo como a técnica foi concebida no século XX, o texto é composto por dois outros momentos: o primeiro, em que será reconstituída a crítica de Heidegger à essência da técnica; o segundo, em que serão apresentadas as reflexões de Heidegger sobre o estabelecimento de uma relação de liberdade com a técnica, dada não por um ato de vontade, mas de pensamento, expressa na noção de cuidado (*Sorge*), enquanto dimensão fundamental do nosso modo de ser no mundo, em que, partindo do âmbito do pensamento filosófico,

El objetivo de este trabajo es presentar la relación entre la reflexión heideggeriana sobre la esencia de la técnica y el tema del cuidado (*Sorge*). Después de una breve introducción sobre el modo como fue concebida la técnica en el siglo XX, el texto desarrolla otros dos temas: el primero reconstruye la crítica que Heidegger realiza a la esencia de la técnica y, el segundo, donde se presentan las reflexiones de este autor sobre el establecimiento de una relación de libertad frente a la técnica, dada no por un acto de libertad sino de pensamiento, expresado en la noción de cuidado (*Sorge*), en cuanto dimensión fundamental de nuestro modo de ser en el mundo, en que, partiendo del ámbito propio del pensamiento filosófico, puede adentrarse en el

The purpose of the paper is to present the relation between Heidegger's meditation about technique and the subject of care (*Sorge*). Besides a brief introduction to the manner technique was conceived in the twentieth century, this paper is composed by two other phases: the first one, where Heidegger's criticism of the essence of technique is reconstituted; the second one, in which will be presented Heidegger's reflection about establishing a free relation to technique, given not through a will's act, but thought's act, expressed in the notion of care (*Sorge*), while a fundamental dimension of our way of being in the world, in which, starting of the sphere of a philosophical thought, we penetrate into the domains of an unusual

adentra-se nos domínios de uma compreensão pouco habitual do educar, segundo a qual o cuidado (Sorge) revela-se no proteger e guardar a indigência e a fragilidade da existência temporal humana. Para o autor, ao “abrigar” e “cuidar” é forjado um domínio de liberdade em relação à vigência incondicional da técnica. Assim, compreender a técnica e o seu modo próprio de vigência é condição para apreender o que está implicado na tecnologia, e possibilitar um modo mais adequado para pensar o sentido filosófico, pedagógico e humano inerente às noções de abrigo, guarda e cuidado, todas essas aceções possíveis de Sorge.

ámbito de una comprensión poco habitual sobre la educación, según la cual el cuidado (Sorge) se revela en la protección y cuidado de la indigencia y fragilidad de la existencia temporal humana. Para el autor, el “abrigar” y “cuidar”, da lugar a un ámbito de libertad frente a la vigencia incondicional de la técnica. Así, comprender la técnica y su modo propio de aplicación es condición para advertir lo que implica la tecnología y posibilitar un modo más adecuado para pensar el sentido filosófico, pedagógico y humano, propio de las nociones de abrigo, protección y cuidado, en tanto acepciones posibles de Sorge.

comprehension of the education act, according to which care (Sorge) reveals himself in to protect and to guard the indigence and fragility of human's temporary existence. To the author, in protecting and caring, a free domain is forged in relation to the unconditional validity of technique. So, comprehend technique and his proper mode of validity is the condition to apprehend what is implicated in technology, and to make possible a more adequate way to think philosophical, pedagogical and human senses inherent to the notions of protection, guard and care, all this possible meanings of Sorge.

Texto resultante das seguintes atividades de pesquisa: 1. Pós-Doutorado (Novembro/2013 a Outubro/2014) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Marília, sob supervisão do Prof. Dr. Pedro Angelo Pagni, com Bolsa financiada pelo Programa CAPES/PNPD; 2. Projeto de Pesquisa “Técnica, tecnologia em Heidegger e Simondon: destruição do pensamento ou ampliação da experiência?” – PROPPG/Uel, financiado pelos seguintes órgãos de fomento: 1. MCTI/CNPq/CAPES (Chamada 07/2011); 2. Edital MCTI/CAPES/CNPQ 14/2012 Universal; 3. Fundação Araucária (Chamada 05/2011); 4. FAEPE/Uel (Edital 01/2011); 5. Fundação Araucária (Bolsa Produtividade Em Pesquisa/2013)

Palavras chave: Técnica; Cuidado (Sorge); Heidegger

Palabras Clave: Técnica; Cuidado (Sorge); Heidegger

Keywords: Technique, Care (Sorge), Heidegger;

Recibido: 30-05-2013

Aceptado: 01-06-2014

Para citar este artículo:

Fernandes Weber, J. (2014). A relação entre a meditação heideggeriana sobre a essência da técnica e o tema do Cuidado (Sorge). *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*. 1(1). 89-109

A relação entre a meditação heideggeriana sobre a essência da técnica e o tema do Cuidado (*Sorge*).

A vigência da tecnologia tornou-se imperativa na contemporaneidade. Por isso, é impossível imaginar, dado o profundo e vertiginoso nível do desenvolvimento tecnológico, práticas ou concepções que abdicassem radicalmente das conquistas tecnológicas. Tanto é que, sobre os que insistem em não render-se à tecnologia, paira uma suspeita de arcaísmo, pois não apenas a dimensão material do mundo – os objetos –, mas também as “configurações subjetivas” – o imaginário, a representação de si, dos outros e do mundo, por exemplo – são marcadas e constituídas indelevelmente pelo modo tecnológico de criar e representar o mundo e o humano. Disso resulta uma cada vez maior consciência da importância da tecnologia, pois sua vigência não opera apenas uma transformação do mundo circundante externo – ela não apenas cria objetos com os quais se modifica a paisagem externa –, mas também opera uma transformação do próprio humano. Se ela opera uma forma ampla de subjetivação, abdicar de considerá-la em toda sua extensão, significaria restringir consideravelmente a própria apreensão do humano em suas possibilidades. Pierre Lévy¹, no parágrafo de abertura de *As tecnologias da inteligência*, diz:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos (Lévy, 2010, p. 7)²

Por tal razão, fácil será constatar que a tecnologia, enquanto tema privilegiado para a reflexão sobre o modo contemporâneo de ser, não se limita ao âmbito

¹ A obra de Pierre Lévy, dedicada extensamente aos temas da tecnologia e da informação, pode ser interpretada como uma versão soft ou light, cuja versão hard é a obra de Gilbert Simondon sobre os objetos técnicos, como veremos no segundo momento deste texto. Tal distinção leva em conta, não apenas o estilo da linguagem – muito mais acessível em Lévy – mas principalmente o desenvolvimento de uma metodologia para pensar o objeto técnico e a técnica, no caso de Simondon muito mais elaborada e filosoficamente mais consistente e de consequências mais amplas

² A este respeito, conferir também: Escóssia (1999); Kastrup (2000).

de abrangência dos objetos tecnológicos que tornam nossa vida mais cômoda. Se este plano, o da presença dos objetos tecnológicos no nosso cotidiano, é o mais visível, com o qual mantemos maior proximidade, dada justamente pelas facilidades que ele proporciona, contudo, a tecnologia abrange outras dimensões nas quais nossa tranquilidade é desestabilizada. Refiro-me, por exemplo, à possibilidade de, em decorrência do desenvolvimento tecnológico, ao mapear o código genético, selecionar “características desejáveis” para embriões, com o que, não apenas são evitadas possíveis doenças de fundo genético, mas é projetado um ideal de humanidade perfeita, ou mais perfeita do que aquela recebida pela nossa destinação natural enquanto membros de uma espécie determinada.³

Também na educação, o influxo da tecnologia tornou-se preponderante. A proliferação de materiais, livros, artigos, teses acadêmicas, insistem em afirmar, e existem razões mais do que plausíveis para tal insistência, que uma dimensão decisiva do significado da educação no século XXI apenas será configurada adequadamente quando forem incorporados os desafios lançados pela tecnologia. E o motivo para tal afirmação consiste em perceber, e neste particular o juízo está corretíssimo, que as novas tecnologias implicam um novo modo de conceber o próprio processo de constituição do conhecimento, além de expressar a necessária interação entre a escola e o mundo, afinal, incoerente seria conceber a escola como um espaço absolutamente autônomo, embora não seja necessário, sequer desejável, pensá-la como um espaço totalmente dependente.

Assim, o que há de fundamental e digno de destaque na insistência crescente pela incorporação da tecnologia à educação não se refere à mera incorporação de novos objetos à escola, em que, não sendo mais eficientes o giz, o

³ Uma das polêmicas filosóficas mais acirradas dos últimos 20 anos, travada por Habermas e Sloterdijk – embora jamais tenha havido um debate de fato entre os autores, tratou-se de uma polêmica nos bastidores – deveu-se a um posicionamento antagônico entre os dois autores a respeito do significado da engenharia genética, bem como sobre a razoabilidade e legitimidade da imposição de limites à pesquisa genética. Encontramo-nos num estágio tal que, em um tempo relativamente próximo, ser-nos-á possível programar geneticamente as características genéticas dos nossos filhos. Aquilo que antes, num plano não biológico, cabia exclusivamente à religião, à moral, à educação, poderá receber um “complemento tecnológico”. Este fato tecnológico possui consequências de amplo alcance, não apenas éticas, jurídicas, mas também, ontológicas, educacionais. A este respeito, conferir: Sloterdijk (2000); Habermas (2010). Também a este respeito, afirma Kunzru: “Existe, agora, a possibilidade de se fabricar humanos melhores, ampliando suas capacidades por meio de dispositivos artificiais” (Kunzru, 2009, p. 122)

quadro-negro e o por vezes monótono discurso do professor, agora ter-se-ia um novo objeto – o computador –, que substituiria os velhos objetos obsoletos. O computador torna-se preponderante na medida em que revela um outro modo de mediação com o mundo e conosco. Portanto, “computador na escola”, “educação à distância” – temática que introduz outro tópico decisivo para uma sociedade como a nossa, a saber, o tópico da democratização do acesso ao conhecimento – são noções a revelar mudanças decisivas, não apenas nas formas institucionalizadas de manter e promover a educação, mas principalmente, nas formas mais extensivas de pensar a própria constituição do humano.

Contudo, embora tais ideias revelem uma dimensão importante do problema, elas podem, ainda assim, deixar escapar um dos aspectos mais decisivos para apreender a real extensão do que está implicado na tecnologia, a saber, o problema da sua definição e da sua consequente significação. O mero uso de objetos tecnológicos, tanto no quotidiano, quanto na escola, ainda não significa que tenhamos a real extensão do que seja a tecnologia. A este respeito, Gilbert Simondon afirma: “[...] possuir uma máquina não é conhecê-la” (Simondon, 2007, p. 267). Ou seja, o mero uso de objetos tecnológicos na escola também não implica que já esteja resolvido o problema do alcance da percepção e da inteligência do que é um objeto tecnológico, qual sua relação com o animal, com o humano e, enfim, com a natureza. E o modo como, via de regra, é concebido o computador na escola, a saber, como um *objeto usado* para resolver um problema, ou um *objeto* que, ao agenciar processos de cognição, auxilia, facilita o processo de conhecimento, revela que talvez ainda não saibamos posicionar adequadamente os objetos tecnológicos no plano das realizações humanas.

Com essa ressalva não se pretende introduzir uma correção ao modo como, na educação, é pensado o tema da tecnologia. Não se trata, portanto, nem de apresentar uma crítica à incorporação da tecnologia à educação, muito menos de mostrar uma insuficiência dos discursos que elegem a tecnologia como um fato para pensar a educação. Pretende-se operar por extensão, não por limitação. Busca-se tão só indicar a necessidade premente de refletir sobre a realidade dos objetos tecnológicos; sobre a necessidade de definir claramente o que é um objeto tecnológico, antes de usá-lo como um dado evidente, mostrando com isso suas conexões com as realidades humanas e naturais. Por conseguinte, busca-se apontar para a necessidade da constituição de uma ontologia crítica do objeto tecnológico, pois o mero uso de objetos tecnológicos, sem tal reflexão e definição, pode levar a constituição

de uma ignorância profunda: a não percepção do que seja aquilo com o qual lidamos e que nos constitui à medida em que somos formados, seja na escola ou nos planos mais amplos de nossa vida.

Este texto é uma parte de um projeto maior cuja tentativa consiste em apreender o núcleo da reflexão sobre o tema da tecnologia, da técnica e da educação nas obras de dois filósofos: Martin Heidegger e Gilbert Simondon. Apesar de possuírem concepções divergentes a respeito dos temas, interessa ressaltar o aspecto comum às suas considerações: a centralidade da técnica e da tecnologia. Dada a necessidade de delimitação no presente artigo, a discussão terá como foco o pensamento de Heidegger. Num momento posterior da pesquisa, que ora se inicia, buscar-se-á verificar, a partir do estudo de obras específicas da área da educação, a produtividade das análises dos dois filósofos para a educação. Não se quer com isso insistir num modo inadequado, embora comum e recorrente, de considerar a relação entre filosofia e educação, segundo o qual a filosofia traria à educação as condições da sua própria inteligibilidade, segundo o qual, sem o auxílio fundamental da filosofia, a educação não apreenderia o significado mais íntimo dos seus próprios procedimentos e reflexões e; segundo o qual, o pensamento fundamental à educação somente poderia ser dado pela filosofia. Embora tal modo de conceber a relação entre filosofia e educação pareça-nos inadequado, há, porém, um ganho decorrente da introdução da reflexão filosófica sobre os temas em questão, qual seja, mostrar que é possível que estejamos operando, ou com termos cuja significação não conhecemos plenamente, ou com significações sustentadas em concepções insuficientes ou mesmo equivocadas. Dada a centralidade do problema da técnica e da tecnologia para as nossas vidas e para a educação, insistir na necessidade de dar definições rigorosas e de depurar as significações não parece ser um procedimento ocioso do qual poderíamos abrir mão.

Hans-Georg Gadamer, no encerramento de uma de suas últimas conferências, intitulada “Educação é educar-se”, em 19 de maio de 1999, no *Dietrich-Bonhoeffer-Gymnasium* da cidade de Eppelheim, proferiu uma sentença marcante sobre o futuro da educação num mundo cada vez mais dominado pela tecnologia: “Mantenho-me na posição de que, se o que alguém quer é educar-se e formar-se, é de forças humanas que se trata, e que somente assim sobreviveremos incólumes à tecnologia e ao ser da máquina” (Gadamer, 2000, p. 48). Longe de ser a expressão desencantada de um filósofo no alto

dos seus 99 anos, pois Gadamer jamais se mostrou pessimista, a frase revela, contudo, uma das características marcantes da reflexão filosófica do século XX sobre a tecnologia – ao menos em autores de língua alemã –, a saber, a suspeita de que há um perigo inscrito em sua essência e que, se a tecnologia não for dimensionada adequadamente, ela ameaça destruir a humanidade. A este respeito, Arnold Gehlen, no parágrafo de abertura de sua obra *A Alma na era da técnica*, ao mostrar as motivações e os equívocos deste modo de conceber a técnica, apresenta um panorama elucidativo sobre o modo como habitualmente a técnica foi concebida na Alemanha. Diz o autor:

É raro que a abundante literatura crítica, que floresce na Alemanha desde Nietzsche e Spengler, não apresente uma tonalidade polêmica contra a técnica. Temos de aceitar isto como sintoma de que a nossa sociedade ainda não terminou o íntimo debate com as profundas alterações que sofreu no processo de industrialização. Na vida pública têm larga expansão as receosas previsões de um futuro em que dominará o “estado de termitas”, o alastramento das massas, a teledireção do cérebro, da personalidade e a decadência da cultura (Gehlen, 1967, p. 15).

Muitos foram os autores que corroboraram este modo polêmico, negativo de pensar a técnica. Dentre eles, apenas para citar alguns de uma longa lista possível, destaco: Nietzsche (2001; 1992); Adorno & Horkheimer (1985, p.15); Benjamin (1996, p. 166); Arendt (2010, p. 21-25); Jonas (1985, p. 15; p. 302-305); Anders (1987); Heidegger (2002a; 2002b) e Türcke (2010, p. 09-12; p. 173-232). Embora não haja unanimidade a respeito de todos os elementos deste intrincado problema, ainda assim é possível identificar um acordo quanto a dois aspectos: 1º. a tecnologia, enquanto produto da técnica, representa um perigo para a humanidade; 2º. a compreensão da tecnologia só se torna plena se fundamentada numa reflexão sobre a essência da técnica. Neste particular, a obra de Heidegger se destaca, justamente por ser a reflexão mais radical e de mais longo alcance a respeito de tais temas, razão pela qual servirá de baliza para a caracterização desta posição de suspeita sobre a tecnologia e a técnica.

1. Essência da técnica e destruição do pensamento em Heidegger

A reflexão de Heidegger inscreve a questão da essência da técnica no âmbito do problema do desencobrimento. Logo no início do seu texto “A questão da técnica”, deixa claro que a técnica não é igual à essência da técnica, que a

essência da técnica não é nada de técnico, e que a determinação instrumental da técnica não nos mostra a sua essência. Por essa razão, uma reflexão sobre a tecnologia – mera determinação instrumental da técnica – que não conduza à reflexão sobre a essência da técnica jamais apreende o essencial. Como compreender tais enunciados? Pela elucidação da verdade como desencobrimento e não como adequação (a verdade não é adequação da coisa ao intelecto) ou representação (a verdade não resulta da capacidade representativa que o homem possui dos objetos); ela não é o “correto de uma representação” (Heidegger, 2002, p. 16).

Para Heidegger, “a técnica é uma forma de desencobrimento.” (Heidegger, 2002, p. 17). Portanto, distinto deve ser o modo de considerá-la. Neste “outro âmbito” se processará a reflexão sobre a essência da técnica em conjunção com a reflexão sobre o modo de se dar da verdade, pois, para Heidegger, a verdade se dá (*es gibt*), não é o resultado de uma produção do homem: “O homem não tem, contudo, em seu poder o desencobrimento em que o real cada vez se mostra ou se retrai e se esconde” (Heidegger, 2002, p. 21).

Como compreender o desencobrimento? Como abertura, pois “o conhecimento provoca abertura. Abrindo o conhecimento é um desencobrimento” (Heidegger, 2002, p. 17). Tanto a *episteme*, quanto a *poiesis*, também a *tekne* – os três modos dos gregos conceberem o conhecimento – se configuram como modos de algo se manifestar, apreensíveis pelo pensamento, mas jamais criadas por ele. A *tekne*, que é tomada inadequadamente como equivalente ao técnico, possui, portanto, um sentido originário bastante diferente do moderno: ela também é uma forma de desencobrimento, ela desencobre o que não se produz por si mesmo, ela é um modo auxiliar para que algo venha a ser. Quem constrói uma casa, diz Heidegger, não cria a coisa como se determinasse, a partir de um esforço seu, uma coisa. Algo bem diferente ocorre. Construir uma casa, ou criar qualquer outro objeto técnico, não é um ato por meio qual meramente se produz uma coisa, e sim, um modo de fazer viger os quatro modos da vigência, as quatro causas aristotélicas, normalmente compreendidas como causa material (o material de que uma coisa é feita); causa formal (a forma em que se insere o material); causa final (o fim para o qual algo é feito); causa eficiente (o que produz o efeito). Embora o resultado seja um produto, uma coisa, a condição da vigência desta coisa não resulta do ato criador do construtor – em que a causa vige enquanto intenção realizada –, e sim, a possibilidade de que haja construção resulta da vigência destes quatro modos em conjunto. Isso leva Heidegger a afirmar que “o decisivo da *tekne* não reside, pois, no fazer e manusear, nem na aplicação

de meios, mas no desencobrimento mencionado” (Heidegger, 2002, p. 18), ou seja, em trazer algo à existência. Tal modo de compreender leva a uma crítica, implícita na argumentação heideggeriana, à ideia segundo a qual a técnica seria um agenciamento de meios para a consecução de fins, portanto, a uma recusa da compreensão operatória da teoria causal aristotélica. A este respeito, Leopoldo e Silva afirma que:

A compreensão heideggeriana, a partir do significado propriamente grego de causa, caminha em outra direção, em que a relação operatória de efetuação é substituída pela de comprometimento. As quatro causas devem ser vistas como comprometimento com a produção da coisa. Assim quando digo que a causa material corresponde à matéria de que algo é feito, o que se quer dizer na verdade é que há uma espécie de compromisso entre uma certa matéria e a produção de um objeto; quando falo em causa final, quero dizer que há uma espécie de compromisso entre a produção da coisa e a finalidade a que deverá servir. Com isso supera-se a ideia de que se trata apenas de fazer algo, a partir de alguma coisa, para um certo fim. Na articulação das quatro causas, algo se mostra na sua matéria, na sua produção e na sua finalidade. Algo se desabriga desvelando-se no seu modo de ser. E aquilo que tendíamos a entender como operação revela-se um deixar acontecer, o ocasionamento ou o que vem a aparecer (Leopoldo e Silva, 2007. pp. 369-370).

Se a técnica também é um modo de desencobrimento, qual é a sua essência? Heidegger o diz: é a com-posição. A com-posição denomina “o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna” (Heidegger, 2002, p. 24), ela é o “apelo de exploração que reúne o homem a dis-por do que se des-encobre como dis-ponibilidade” (Heidegger, 2002, p. 23). E a característica do desencobrimento efetivado pela técnica moderna consiste na exploração, em tomar tudo como um estar à mão⁴, em dispor daquilo que se des-encobre no sentido da disponibilidade à exploração. Quem explora não cultiva, tampouco protege⁵. Aqui chegamos ao aspecto nuclear da crítica de Heidegger à técnica moderna. O perigo supremo da técnica moderna consiste em que a

⁴ Zuhanden: o ente-à-mão (disponível, explorável); Vorhanden: o ente à-vista (simplesmente aí).

⁵ Esta ideia pode ser relacionada com duas noções heideggerianas que muito dariam a pensar à educação: cuidado (Sorge) e pertencimento (Eigenthum). A este respeito, conferir: Dalbosco (2006). Estes temas serão tratados no próximo subitem deste trabalho.

com-posição destrói “toda visão do que o desencobrimento faz acontecer de próprio e, assim, em princípio, põe em perigo qualquer relacionamento com a essência da verdade” (Heidegger, 2002, p. 35). A consequência temível do império da técnica é a planificação, o controle, a exploração, pois ela impede o surgimento do desencobrimento em si mesmo, em seu sentido mais genuíno, o da irrupção do modo peculiar de ser de cada coisa, ou seja, de irrupção da diferença, do pensamento. Perdemos completamente o sentido do que seja, por exemplo, o rio Reno, quando o concebemos, por vigência do modo técnico de dispor o mundo, como um dispositivo para fornecer energia. Diz Heidegger:

A usina hidroelétrica não está instalada no Reno, como a velha ponte de madeira que durante séculos, ligava uma margem à outra. A situação se inverteu. Agora é o rio que está instalado na usina. O rio que hoje o Reno é, a saber, fornecedor de pressão hidráulica, o Reno o é pela essência da usina. Para se avaliar, mesmo à distância, o extraordinário aqui vigente, prestemos atenção, por alguns instantes, no contraste das duas expressões: “O Reno” instalado *na obra de engenharia* da usina elétrica e “O Reno” evocado pela *obra de arte* do poema do mesmo nome, de Hölderlin. E, não obstante, há de se objetar: o Reno continua, de fato, sendo o rio da paisagem. Pode ser. Mas de que maneira? – À maneira de um objeto dis-posto à visitação turística por uma agência de viagens, por sua vez, dis-posta por uma indústria de férias (Heidegger, 2002, p. 20).

Assim, a técnica moderna concebe a posição do próprio mundo no sentido da exploração, da intensificação dos meios como modo de intensificação dos ganhos. Não apenas a natureza, o próprio sentido de mundo, passa a ser concebido como um grande estoque de rentabilidade. E o perigo que daí emana, não é apenas o da destruição da natureza causado por máquinas e equipamentos técnicos ⁶. O maior dos perigos é o da destruição do pensamento. A este respeito, no escrito de uma conferência, intitulado “Serenidade”, Heidegger o diz de um modo lapidar: “A revolução da técnica que se está a processar na era atômica poderia prender, enfeitiçar, ofuscar e deslustrar

⁶ Temor que se apodera intensivamente na atualidade, dado o colapso climático, sem que se perceba o ponto cego das propostas da intervenção ambiental, mesmo quando conscientes: enquanto continuarmos a conceber a natureza como um espaço a ser explorado, nenhuma proposta de educação ambiental será efetiva. A crise ecológica é apenas a extensão do modo como nos relacionamos com o mundo enquanto natureza, ou seja, como algo disposto à exploração.

o Homem de tal modo que, um dia, o pensamento que calcula viesse a ser o único pensamento admitido e exercido” (Heidegger, 2002, p. 26). A compreensão da abertura enquanto dis-ponibilidade à exploração impõe ao pensamento a unidimensionalidade que implica na destruição do pensamento. Isto faz Heidegger afirmar: “A com-posição é o perigo extremo porque justamente ela ameaça trancar o homem na dis-posição, como pretensamente o único modo de desencobrimento. E assim trancado, tenta levá-lo para o perigo de abandonar sua essência de homem livre” (Heidegger, 2002, p. 34). Por essa razão, “o perigo não é a destruição da natureza ou da cultura, mas uma restrição no nosso caminho de pensamento, uma diminuição da nossa compreensão de Ser” (Dreyfus, 2003, p.165). Haveria algo mais temível? Heidegger acredita que não.

1.1. A instauração de uma relação livre com a técnica: pensamento e cuidado (Sorge)

Do exposto é possível ver que, para Heidegger, o que está em perigo com a vigência da disponibilização planetária da técnica, não é apenas um domínio particular do humano, restrito a um mau uso, decorrente de uma moda ou um defeito do tempo, e sim, o próprio pensamento, entendido enquanto irrupção da diferença. E embora Heidegger matize seu tom senão catastrófico, pelo menos profundamente crítico, ainda assim, mantém tal positividade como uma genuína questão de esperança, que, numa primeira aproximação, é ofuscada pela vigência da técnica, afinal, superar tal vigência não é uma alternativa facilmente à disposição, pelo menos não no sentido de que se trataria simplesmente de mudar alguns hábitos de vida e cuja mudança estaria a disposição de uma empreitada individual ou coletiva, advinda de uma mera mudança na tonalidade da vontade.

Porém, não apreenderíamos o decisivo da reflexão heideggeriana sobre a técnica, tal qual exposta em “A questão da técnica” e em outros textos relativos ao mesmo tema, se não percebêssemos que o propósito do autor é justamente apontar para um horizonte de superação da vigência incondicional da técnica. Já no início do seu texto sobre a técnica, o autor situa o seu propósito nos seguintes termos:

Questionaremos a *técnica* e pretendemos com isto preparar um relacionamento livre com a técnica. Livre é o relacionamento capaz de abrir nossa Pre-sença à essência da técnica. Se lhe respondermos à essên-

cia, poderemos fazer a experiência dos limites de tudo o que é técnico (Heidegger, 2002, p. 11).

Se este é o propósito do questionamento da técnica, por meio de um trabalho em que se dá a construção de um caminho, que é um caminho de pensamento (Cf. Heidegger, 2002, p. 11), como conciliá-lo com a impossibilidade de colocar-se ao abrigo da vigência da técnica por um ato de vontade, conforme apontado acima? Não haveria uma contradição entre esta impossibilidade e a tentativa heideggeriana de instaurar uma relação de liberdade para com a técnica?

No já referido escrito *Serenidade*, o autor aponta, por diversas vezes, para o “crescimento do que salva”, adventício do próprio desencobrimento peculiar à técnica; ou ainda, é indicada a disposição de uma “serenidade para com as coisas” em que o império da técnica poderia ser anulado em sua dimensão deletéria, por meio de um equacionamento adequado da nossa relação com os objetos técnicos e a atividade do pensamento. Também em “A questão da técnica”, mais precisamente no final do questionamento, declara de modo surpreendente:

Ao invés, a essência da técnica há de guardar em si a medrança do que salva. Neste caso, uma percepção profunda o bastante do que é a com-posição, enquanto destino do desencobrimento, não poderia fazer brilhar o poder salvador em sua emergência? (Heidegger, 2002, p. 31).

Como compreender esta afirmação?

Em primeiro lugar, reafirmando que a técnica, por si só, “Não é perigosa. Não há uma demonia da técnica” (Heidegger, 2002, p. 30). O que há de perigoso na técnica é a sua essência, a com-posição, o tomar tudo no sentido da exploração, como já mostrado. O perigo que daí emana é o comprometimento da essência do homem, do lugar em que ocorre o desencobrimento, a saber, a verdade e, principalmente, a com-posição encobre o próprio desencobrimento, pois destrói todo e qualquer mistério do mundo, na medida em que concebe tudo a partir do cálculo e da exploração. Em decorrência, o mundo torna-se um lugar para o uso das coisas. Nisto reside o perigo supremo. Por essa razão, não há contradição entre o projeto do estabelecimento de uma relação livre com a técnica e a impossibilidade de fazê-lo por um ato de vontade, pois não se trata do agenciamento da vontade, e sim, da instauração do pensamento meditativo que, ao apreender a essência da técnica, já se põe ao abrigo da

vigência do modo do cálculo e, com isso, mantém-se aquém do domínio da essência da técnica. Assim, o dito heideggeriano segundo o qual “a essência da técnica há de guardar em si a medrança do que salva”, revela a instauração de uma outra relação com a técnica na exata medida em que mantém a presença do pensamento que medita e que recusa o mero cálculo. Ou seja, não é no âmbito da vontade que a questão se resolve, mas a mudança implica numa mudança que advém do pensamento: tanto do modo como se o concebe quanto do modo como se dá sua vigência. Portanto, apreender a essência da técnica é a condição para o estabelecimento de uma relação livre com ela. Heidegger diz: “Por isso, tudo depende de pensarmos esta emergência e a protegemos com a dádiva do pensamento. E como é que isto se dá? Sobretudo, percebendo o que vige na técnica, ao invés de ficar estarrecido diante do que é técnico” (Heidegger, 2002, p. 35).

Em segundo lugar, considerando que a recusa da submissão à técnica, a instauração da liberdade para com a técnica, tema da obra tardia de Heidegger após a virada representada pela obra *Beiträge zur Philosophie: vom Ereignis*, re-atualiza um tema de sua primeira grande obra, *Sein und Zeit*: o tema do cuidado (*Sorge*)⁷. No âmbito de significação e de vigência do cuidado, conjugado ao significado da vigência do pensamento enquanto meditação, adquire-se a compreensão plena do dito heideggeriano: “a essência da técnica há de guardar em si a medrança do que salva”. E é neste âmbito que os temas até aqui abordados adquirem relevância para a educação.

Embora pudesse sofrer uma crítica a opção metodológica aqui adotada, a saber, introduzir na discussão sobre a técnica – tema típico da “segunda fase” do pensamento heideggeriano – a noção de cuidado a partir de *Ser e Tempo* – obra máxima da primeira fase do seu pensamento –, a opção parece defensável na medida em que, apesar das diferenças claras entre as duas fases, o cuidado permanece como tema comum a ambas, aparecendo tanto em *Ser e Tempo* (primeira fase) quanto em “A questão da técnica” (segunda fase). Quanto às mudanças de sentido da noção de cuidado, apesar da

⁷ Traduzo *Sorge* por cuidado, não por cura, como habitualmente se faz. A razão principal para esta opção se deve ao fato de cura, ao menos em seu sentido usual, implicar uma ideia que pode conduzir a um equívoco: conceber o sentido de homem e mundo como algo que se alcança e cuja vigência se assemelha a uma posse, a um estado, se não pleno, pelo menos substancialmente instituído, como quando se diz, por exemplo que “aquele homem curou-se de uma doença e agora está saudável”. Cuidado parece-me expressar mais fielmente a reversibilidade das situações, ínsita à própria condição humana.

permanência nas distintas fases, objeção que ainda poderia ser mantida, sustento que o mais decisivo permanece inalterado e que, com relação aos aspectos fundamentais, não ocorre uma alteração significativa a ponto de inviabilizar a opção. E a demonstração será dada com duas citações: a primeira, extraída de *Ser e Tempo*, diz: “[...] em sua estrutura fundamental o ser-aí é cuidado” (Heidegger, 1967, p. 278) ⁸; a segunda, retirada de “A questão da técnica”, afirma: “Pois é o que salva que leva o homem a perceber e a entrar na mais alta dignidade de sua essência. Uma dignidade que está em proteger e guardar, nesta terra, o des-encobrimento e, com ele, já cada vez, antes, o encobrimento” (Heidegger, 2002, p. 34). Proteger e guardar é outro modo de dizer cuidado.

Como se efetiva a relação de liberdade para com a técnica? Ela se dá no modo do cuidado, de proteger e guardar a essência humana. Como Heidegger a compreende?

Para Heidegger, o cuidado, enquanto estrutura fundamental do ser-aí, carrega consigo a estrutura fundamental da temporalidade, pois, “a unidade originária da estrutura do cuidado reside na temporalidade” (Heidegger, 1967, p. 327). Isso quer dizer que o cuidado não implica meramente um abandono ao cotidiano, pois o mero abandono ao cotidiano, como mostrado em *Ser e Tempo*, revela um modo inautêntico de ser. A temporalidade inerente ao cuidado mostra a totalidade da vigência do tempo no ser-aí, enquanto facticidade (passado), a decadência (presente) e a existencialidade (futuro). O presente é compreendido enquanto decadência pelo fato de ser aí justamente que o cuidado deve viger, instaurando uma relação autêntica com o mundo e consigo próprio. Mas como chega ao homem a consciência da temporalidade? Certamente não por uma apreensão de um sentido originário do tempo, mas pela angústia, pois é a angústia que põe em marcha a apreensão da ideia de temporalidade. De acordo com Dalbosco, isso leva a

uma consideração sobre o significado pedagógico da tríplice dimensão articulada estruturalmente. É ela que empurra o ser humano a ver sua condição finita a partir de uma dupla perspectiva: a da familiaridade

⁸ Dasein é o termo utilizado por Heidegger para expressar aquilo que o homem é, sua realidade ontológica fundamental. Uma tradução possível para o termo é Presença. Sigo aqui a opção de Cláudio Dalbosco (2006), que opta por utilizar a expressão ser-aí. A respeito da polêmica sobre a tradução, conferir: Schuback, 2008, pp. 15-32.

e tranquilidade de sua ação imersa no mundo cotidiano, no qual ela se encontra sob o domínio da decadência e do falatório; e a da ação angustiada existencialmente que, ao por o ser humano na posição de poder ouvir o clamor de sua consciência, assume o cuidado como modo prático de enfrentar o fato de que é um ser jogado no mundo e que caminha para a morte. Cuidado é, neste sentido, a dimensão existencial da ação assumida pelo ser humano para, consciente de sua temporalidade e historicidade, se formar a si mesmo por meio da postura dialógica-compreensiva com os outros e com as coisas (Dalbosco, 2006, p. 1131).

Assim, resulta da apreensão da temporalidade como estrutura inerente ao cuidado, uma ideia decisiva com a qual a filosofia, a pedagogia, enfim, cada uma, está pouco à vontade, a saber, o reconhecimento da incompletude humana como qualidade ou característica do nosso modo de ser. A este respeito, uma passagem do ensaio de Cláudio Dalbosco é esclarecedora:

Transformando-se em consciência angustiada, a ação humana, baseada no cuidado, enfrenta sua mais cruel e, ao mesmo tempo, mais humana dimensão de sua facticidade, a saber, de que é gerada (movimentada) por um ser, o ser humano, que é incompleto e que, por sê-lo, caminha para a morte (Dalbosco, 2006, p. 1132).

Fácil será ver a conexão da compreensão heideggeriana do cuidado com a recusa da disponibilidade exploradora, de homem e mundo, decorrente da essência da técnica. Se há uma recusa da vigência da essência da técnica é por ela obliterar esta verdade cruel, porém, iluminadora: a dignidade humana consiste precisamente na sua fragilidade. Se, como queria Hölderlin, o poeta predileto de Heidegger, “Os homens são feitos para cuidar da indigência, e tudo mais surge de si mesmo” (Hölderlin, 1994, p. 143), recusar a essência da técnica significa recusar um modo inautêntico de configurar o que é, homem ou mundo, e instaurar uma relação de maior gravidade, e exatamente em virtude disso, também de maior autenticidade com o existir.

Se Heidegger não escreveu nenhum tratado específico sobre a educação, nem por isso recusaríamos razoabilidade às suas reflexões como irrelevantes para a educação, na medida em que elas atingem o núcleo de qualquer processo educativo que consiste precisamente em tornar significativo o fato da existência. Tanto mais relevante se mostra a meditação heideggeriana

sobre a técnica e o cuidado (Sorge) se considerarmos que nesta conjunção encontramos o núcleo do nosso modo atual de ser no mundo. Quem se defrontar com o desafio de tornar significativo o fato da existência e acolhê-lo, deverá topar com esta problemática e empenhar-se em esclarecê-la. E se o fizer saberá um pouco mais sobre o que significa existir aqui e agora.

Referências bibliográficas

Adorno, T.W. & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Anders, G. (1987). *Die Antiquiertheit des Menschen*. Band 1: Über die Seele im Zietalter der zweiten industriellen Revolution / Band 2: Über die Zerstörung des Lebens im Zeitalter der dritten industriellen Revolution. München: C.H. Beck.

Arendt, H. (2010). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Benjamin, W. (1996). A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. En W. Benjamin. *Obras Escolhidas - Magia e técnica, arte e política* (pp.165-196). São Paulo: Brasiliense.

Dalbosco, C. (2006). O cuidado como conceito articulador de uma nova relação entre Filosofia e pedagogia. *Educação & Sociedade*, 27(97), 1113-1135. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n97/a03v2797.pdf>

Dewyfus, H.L. (2003). Heidegger on gaining a free relation to technology. En H.L. Dreyfus & M. Wrathall (Eds.). *Heidegger reexamined*, Vol. 3: Art, poetry and technology (pp.163-173). New York/London: Routledge.

Escóssia, L.M. (1999). *Relação homem-técnica e processo de individuação*. Aracaju: Editora UFS.

Felinto, E. (2005). *A religião das máquinas. Ensaio sobre o imaginário da cibercultura*. Porto Alegre: Sulina.

Gadamer, H.-G. (2000). *Erziehung ist sich erziehen*. Heidelberg: Kurpfälzischer Verlag.

Gehlen, A. (1967). *A alma na era da técnica. Problemas de psicologia social na sociedade industrializada*. Lisboa: Livros do Brasil.

Habermas, J. (2010). *O futuro da natureza Humana. A caminho de uma eugenia liberal?* São Paulo: WMF Martins Fontes.

Heidegger, M. (1967). *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer.

Heidegger, M. (2002). *A questão da técnica*. En M. Heidegger. *Ensaios e conferências* (pp.11-38). Petrópolis, RJ: Vozes.

Heidegger, M. (2002). *O tempo da imagem de mundo*. En M. Heidegger. *Caminhos de Floresta*. (pp.95-138). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Heidegger, M. (2008). *Gelassenheit / Zur Erörterung der Gelassenheit*. Stuttgart: Keltt-Cotta.

Hölderlin, F. (1994). *Hipérion ou o eremita na Grécia*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Horkheimer, M. (2007). *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro.

Jonas, H. (1985). *Technik. Medizin und Ethik. Praxis des Prinzip Verantwortung*. Frankfurt: Suhrkamp.

Kastrup, V. (2000). *Novas tecnologias cognitivas: o obstáculo e a invenção*. En N.M.C. Pellanda & In: E.C. Pellanda (Eds.) *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy* (pp.38-59). Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Kunzru, H. (2009). *Genealogia do ciborgue*. En T. Tadeu (Ed.). *Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano* (pp.119-126). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Leopoldo e Silva, F. (2007). *Martin Heidegger e a técnica*. *Scientiae Studia*, 5(3). 369-374. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ss/v5n3/a04v5n3.pdf>

Lévy, P. (2000). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Lévy, P. (2010). *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34.

Nietzsche, F.W. (1992). *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras.

Nietzsche, F.W. (2001). *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras.

Peters, M.A. (Ed.). (2002). *Heidegger, education and modernity*. London: Rowman & Littlefield Publishers.

Schuback, M.S.C. (2008). A perplexidade da presença. En M. Heidegger. *Ser e tempo* (pp.15-32). Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.

Simondon, G. (2007). *El modo de existencia de los objectos tecnicos*. Buenos Aires, Prometeo.

Sloterdijk, P. (2000). *Regras para o parque humano. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo: Estação Liberdade.

Türcke, C. (2010). *Sociedade excitada. Filosofia da sensação*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.